

Shevardnadze em África

Diário de Lisboa
4/4/90

Apesar de, durante muitos anos, a URSS ter feito da sua «aliança» com os países em vias de desenvolvimento e o movimento de libertação nacional um dos eixos da sua política externa, a diplomacia soviética, com Gromiko, que durante longos anos a dirigiu, privilegiou de facto as relações Leste-Oeste.

Colmatar essa falha foi um dos objectivos da visita que Edward Shevardnadze efectuou durante nove dias à África subsariana. Foi uma das mais prolongadas alguma vez feitas por um chefe da diplomacia soviética ao exterior. Angola, Namíbia, Moçambique, Zâmbia, Zimbabwe, Tanzânia e Nigéria estiveram na rota do ministro. Foram 27 mil quilómetros percorridos e mais de duas dezenas de encontros.

Shevardnadze pretendeu também contrariar as tendências que hoje se manifestam na URSS no sentido de reduzir ao mínimo as relações com África, a pretexto das dificuldades económicas vividas pelo país. A co-operação de Moscovo com os países africanos e em vias de desenvolvimento, em geral, é reconhecida pouco eficaz, mas os dirigentes soviéticos não pensam que dessa constatação se deva concluir que elas devam reduzir-se. «Temos de aprender muito para poder cooperar com África na base de novos princípios», disse o ministro.

A altura escolhida por Shevardnadze para se deslocar a África coincidiu com a afirmação formal dos primeiros resultados da nova política externa soviética em relação aos conflitos que durante décadas envenenaram o clima internacional. O ministro assistiu em Windhoek à proclamação da independência da Namíbia, resultado não só da luta do seu povo, dirigida pela Swapo, mas também dessa nova política, que favorece as negociações, tendo em atenção os interesses legítimos das partes envolvidas, e que se traduziu nos acordos de Nova Iorque.

Na mesma linha, nos dois maiores países africanos de língua oficial portuguesa, o ministro expôs a posição de Moscovo de que os conflitos aí existentes só podem ser resolvidos mediante um processo de regularização política. Moscovo defende para Angola uma política de reconciliação nacional. O cessar-fogo e a passagem a conversações constituem, no seu entender, a única via realista para a paz. No que toca às modalidades concretas, isso é uma questão que só diz respeito aos angolanos.

Quanto a Moçambique, Moscovo apoia a disposição de Maputo de enveredar por um diálogo directo com a oposição armada. A plataforma do Presidente Joaquim Chissano é considerada como «realista». O problema está em que a Renamo foge ao diálogo e prossegue a sua política de destruição. Em Maputo foram também discutidas as

relações económicas entre os dois países, em particular o problema da dívida de Moçambique à URSS, cifrada, no começo deste ano, segundo os dados soviéticos, em 808,6 milhões de rublos.

Mas o verdadeiro ponto alto desta visita foi sem dúvida o encontro que Shevardnadze teve na Namíbia com o Presidente sul-africano, Frederik De Klerk. Há mais de 40 anos que as relações oficiais entre os dois Estados estão congeladas. Os primeiros contactos esboçaram-se durante a preparação dos acordos sobre o Sudoeste Africano. Encontros não oficiais entre personalidades públicas soviéticas e da comunidade branca da sul-africana têm ocorrido nos últimos anos. Jornalistas soviéticos deslocam-se hoje regularmente à África do Sul.

O ministro soviético declarou ao Presidente sul-africano que Moscovo saúda as mudanças positivas havidas, concretizadas nomeadamente na libertação do «mais famoso preso do planeta», o líder do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela. Espera que essas mudanças sejam irreversíveis e tenham o seu desenlace lógico que é a desmontagem completa do sistema do «apartheid».

Sobre o futuro das relações soviético-sul-africanas, coube a Viatcheslav Ustinov, chefe da delegação da URSS à Comissão Conjunta de controlo dos acordos de Nova Iorque, órgão onde se faz uma «ligação informal» entre os dois Estados, declarar aos jornalistas que a URSS vai continuar a aplicar de momento a mesma política.

Para que as relações se desenvolvam, sublinhou, «é preciso que o processo de liquidação do 'apartheid' e o diálogo do governo com as forças de oposição ao 'apartheid' entrem numa fase concreta». Entretanto, Moscovo continuará a respeitar os compromissos assumidos no quadro da ONU e que prevêem sanções, inclusive diplomáticas, em relação da Pretória.

Este diplomata não afastou, no entanto, que «com o tempo» e com novas medidas tomadas por Pretória -as já tomadas são consideradas «correctas, mas insuficientes»- seja criado «um grupo de ligação» que possa «estar permanentemente na África do Sul. É possível também que «sejam estabelecidas relações consulares numa certa etapa, porque essa região nos interessa do ponto de vista da pesca e da navegação». «Tudo depende da velocidade das mudanças na África do Sul», afirmou.

Ao fazer o balanço da sua viagem, Shevardnadze, tirando lições dum passado recente, considerou que a transformação de continentes inteiros em arena da luta entre o Leste e o Ocidente prejudicou não só os povos do Leste e do Ocidente. Com o novo realismo político uma era diferente hoje se abre.



Guennadi Petrov